

## **FOGO MORTO E A RECEPÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA**

**Izabel Cristina da Costa Bezerra Oliveira (UERN)<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O presente estudo faz uma leitura sobre as várias relações que a crítica literária pode expressar com a sociedade, a História e o leitor. Toma-se como ponto de partida as ideias de Antonio Candido, Alfredo Bosi, Hans Robert Jauss e Octávio Paz. A segunda parte da análise comporta a receptividade da crítica sobre o romance *Fogo morto*, de José Lins do Rêgo, no momento de sua publicação em 1943 até a contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Literatura – Romance – Crítica Literária – História e Sociedade

### **ABSTRACT**

The present study is a reading about the various relationships that literary criticism can be expressed with society, history and player. As a starting point, we seek to the ideas of Antonio Candido, Alfredo Bosi, Hans Robert Jauss and Octavio Paz The second part of the analysis involves the responsiveness of criticism about the novel *Fire killed* by José Lins do Rego, at the time of publication in 1943 until the present.

**Keywords:** Literature - Novel - Literary Criticism - History and Society

### **1 – Crítica literária: ideias que se cruzam**

Nosso estudo apreciará inicialmente de forma sucinta o vasto mundo da crítica literária, onde um expressivo processo dialético exprime as relações entre a arte e o homem. Por meio das análises, busca-se enfatizar as várias relações que os críticos estabelecem, em seus estudos, dentre elas: literatura e sociedade, a qual se refere Antonio Candido; literatura e História, defendida por Alfredo Bosi; literatura e leitor, pensada por Hans Robert Jauss e mais uma vez, literatura e história sob a perspectiva de Octávio Paz.

A primeira relação a ser apreciada diz respeito às ideias do professor Antonio Candido quando em sua teoria afirma que a criação literária relaciona-se com aspectos

---

<sup>1</sup> Professora de Literatura Luso-Brasileira e Literatura Infanto-juvenil da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Doutora em Literatura Comparada pela UFRN e Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa PRADILE/UERN e Estudos da modernidade/NCCEN/UFRN.

de ordem social, uma vez que uma obra não surge do nada, pois é fundamental que esteja inserida em um contexto histórico.

Segundo Candido, “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição” (CANDIDO, 2000, p. 30) e deve provocar no leitor certa inquietação no tocante à relação literatura e sociedade. Neste caso, pode-se dizer que a obra desempenha certa função social decorrente de sua própria natureza. A propósito, vejamos a análise do crítico:

A função social (ou “razão de ser sociológica”, para falar como Malinowski) comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade. (CANDIDO, 2000, p. 46).

É sugestivo ainda observar em sua análise, que a função social da obra literária ganha um novo ingrediente, passando a aparecer com “algo empenhado”:

Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *práxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo (CANDIDO, 2000, p. 55).

Outra concepção interessante sobre as várias relações que a literatura pode expressar diz respeito à crítica de Alfredo Bosi aqui apresentada pela relação Literatura e História. Entretanto, vale retomar e explicar que o termo “sociedade” escolhido por Candido reporta-se também em suas análises aos fatos históricos, ou seja, à História propriamente dita, pois o que é uma sociedade senão um espaço histórico?

No artigo “A interpretação da obra literária”, Bosi (1988, p. 278) afirma que toda grande obra é produzida através de um processo dialético entre a literatura chamada por ele de “fantasia criadora” e História, “visão ideológica da História”, essa última exprime o conhecimento de mundo que o escritor demonstra ter sobre o meio social.

Segundo Bosi, a criação literária comporta a fusão do conhecimento prévio simbolizado pela “lembrança pura” e conhecimento intelectual, expresso pela “memória social” do autor. Para tanto, nós leitores não podemos desconsiderar essas interações. Assim, apreciemos as ideias do crítico:

Não há grande texto artístico que não tenha sido gerado no interior de uma dialética de lembrança pura e memória social; de fantasia criadora e visão ideológica da História; de percepção singular das coisas e cadências estilísticas herdadas no trato com pessoas e livros. (BOSI, 1988, p. 278).

Já a teoria do crítico alemão Hans Robert Jauss tem como principal proposta sugerir uma nova forma de analisar a literatura. Esta, por sua vez, deve considerar oportunamente o instante de recepção do texto. Nesse sentido, a obra literária passa a ser definida pela relação que se estabelece entre literatura e leitor, não negando com isso que “a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas” (JAUSS, 1994, p. 23). No tocante às “implicações históricas”, o crítico assegura que ela se define pela fusão de experiências de leituras realizadas: a primeira é obtida pela leitura e análise que o leitor faz da obra e outras que fizera em momentos anteriores, remetendo-nos a pensar que toda leitura já é em si comparada. A segunda implicação define-se pelo conhecimento de mundo que o leitor tem ou supõe ter adquirido ao longo de sua existência e o caráter histórico presente na essência da obra. Pensamos ainda, de acordo com as ideias proposta por Jauss, que o que determina o valor artístico de uma obra é a sua recepção. Para tanto, é principalmente nessa vinculação estreita entre literatura e leitor que surge a percepção apreciativa deste último, chamada pelo crítico de “horizonte de expectativa”. Esse horizonte a que se refere Jauss é o modo como nós leitores nos situamos e percebemos o mundo a partir das leituras realizadas, demonstrando assim nosso ponto de vista subjetivo sobre o texto lido. Apreciemos a análise do crítico sobre a relação dialógica entre literatura e leitor:

Considerando-se que, tanto em seu caráter artístico quanto em sua historicidade, a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor – relação esta que pode ser entendida tanto como aquela da comunicação (informação) como o receptor quanto como uma relação de pergunta e resposta –, há de ser possível, no âmbito de uma história da literatura, embasar nessa mesma relação o nexos entre as obras literárias. E isso porque a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas. A implicação estética reside no fato de a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado

histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética (JAUSS, 1994, p. 23).

A proposta de Jauss sobre a estética da recepção apresenta em sua teoria algumas ideias que muito se aproximam do pensamento de Antonio Candido. A primeira delas reside no grau de importância em que ambos atribuem à receptividade da obra pelo leitor. Essa ideia é percebida quando Jauss dá a definição de “história e literatura”:

A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete. (JAUSS, 1994, p. 25).

Mais ligado à definição da literatura e não à história da literatura, Candido tece a análise:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. (CANDIDO, 2000, p. 74).

O segundo ponto que aproxima as teorias de Jauss e Candido refere-se à tarefa e função social que a literatura pode exercer. Quando se trata da história da literatura, segundo Jauss a tarefa “somente se cumpre quando a produção literária é não apenas apresentada sincrônica e diacronicamente na sucessão de seus sistemas, mas vista também como história particular, em sua relação própria com a história geral” (JAUSS, 1994, p. 50). Candido, por sua vez, analisa a “grandeza” e a função da obra literária, aproximando assim o seu ponto de vista ao pensamento de Jauss. Na análise do estudioso brasileiro, temos:

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que aprendem de um momento determinado e um determinado lugar (CANDIDO, 2000, p. 45).

Ainda no terreno propriamente dito das relações que a literatura pode expressar, observamos a importante contribuição de Octávio Paz ao estabelecer em seus estudos, dentre eles, citamos “A consagração do instante”, uma vasta relação entre literatura e História. Nesse estudo, o crítico analisa especificamente o gênero poesia e aponta argumentos para afirmar que o poema é histórico por dois aspectos: primeiro, “como produto social” e segundo, “como criação que transcende o histórico mas que, para ser efetivamente, necessita encarnar-se de novo na história e repetir-se entre os homens.” (PAZ, 1996, p. 54). Paz analisa o dizer poético ao mesmo tempo em que revela um significado expressivo para esse gênero literário. Em suas palavras:

O poeta fala das coisas que são suas e de seu mundo, mesmo quando nos fala de outros mundos: as imagens noturnas são compostas de fragmentos das diurnas, recriadas conforme outra lei. O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou a ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra: revela o homem (PAZ, 1996, p. 55).

Nessa primeira parte de nosso artigo, tentamos nos ater às ideias da crítica literária representada pelo pensamento de Antonio Candido, Alfredo Bosi, Hans Robert Jauss e Octávio Paz no momento em que suas observações apontam as várias relações que a literatura pode expressar: literatura e sociedade; literatura e História e literatura e leitor. Vimos que a teoria apresentada pelos críticos ora se aproxima, ora complementa-se uma com as outras e as relações intertextuais tornaram-se evidentes em algumas passagens de nosso estudo e servirão para embasar e orientar as análises que faremos sobre o romance *Fogo morto*, de José Lins do Rêgo.

## **2 – *Fogo morto* e a crítica: do surgimento à contemporaneidade**

A segunda parte de nosso artigo objetiva fazer uma leitura sobre a recepção do romance *Fogo morto*, de José Lins do Rêgo. Vale mencionar que, na análise, tomaremos fragmentos de textos da crítica literária sobre o romance, observando como se deu a receptividade da crítica no período em que foi publicado até a contemporaneidade.

O romancista José Lins do Rêgo entrou para o cenário da literatura brasileira em 1932 com a obra *Menino de engenho* e logo foi aclamado com o prêmio da Fundação

Graça Aranha. Nos anos seguintes, deu continuidade à publicação dos romances: *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce* (1939), *Água-Mãe* (1941), *Fogo morto* (1943), *Eurídice* (1947) e *Cangaceiros* (1953). Vale salientar que é bastante considerável a fortuna crítica sobre suas obras. Todavia, nesse estudo, daremos ênfase às análises direcionadas ao romance *Fogo morto*.

*Fogo morto* é o décimo romance do paraibano José Lins do Rego e traz na sua composição uma prosa que retoma a temática do engenho, tão expressiva no fazer literário do autor. Desde o ano de sua publicação em 1943 a estudos recentes na contemporaneidade, tem despertado um vasto interesse e atenção especial de críticos que se reservam a comentar a obra em si, o estilo e uma madura consciência do escritor no tocante à perspicácia com que lida o assunto à forma literária. A receptividade de *Fogo morto* foi analisada por teóricos brasileiros e estrangeiros. No ano de seu surgimento, recebeu a apreciação do ensaísta e crítico literário, naturalizado brasileiro, Otto Maria Carpeaux:

O grande valor literário da obra de José Lins do Rego reside nisto: o seu assunto e o seu estilo correspondem-se plenamente. Assim e só assim, conta-se a decadência do patriarcalismo no Nordeste do Brasil, com as suas inúmeras tragédias e misérias humanas e uns raros raios de graça e de humor. Por isso, José Lins do Rego consegue acertadamente o que quer: e isto parece-me o maior elogio que se pode fazer a um escritor. Pode ser que “o homem da terra” nem sempre sabia disso; mas o “o homem dos livros”, que há também em Zé Lins sabe muito bem. Sabe bem a lição do seu mestre Gilberto Freyre, e transformou-a tão integralmente em literatura, em romance, em vida, que hoje é sua (CARPEAUX, 2005, p. 19-20).

No ano seguinte, no texto “Dois estudos”, em *O empalhador de passarinho*, Mário de Andrade afirma sem reserva que “a crítica profissional tem se mostrado desatenta diante de *Fogo morto*. Para tanto, conclui o crítico paulista: “... Felizmente que já não sou mais crítico profissional de literatura, basta! Hoje eu sobrenado na calmaria virtuosa da crítica apologética, que tanto enquizila a crítica” (ANDRADE, s/d, p. 291). Mesmo colocando-se como um crítico amador, tece com precisão uma análise sobre as personagens que compõem os vários dramas da narrativa:

(...) os personagens eficientemente dramáticos de *Fogo morto* são os no entanto realizados como personalidade e ideais, os que de alguma

forma foram obrigados a se completar num todo inteiriço e insolúvel, porque aquela sociedade medonha em que viviam os expulsou de si e eles vivem em luta, nem mesmo José Amaro que aspira a ser do que nesse impagável e magistral capitão Vitorino, completado porque não tem lugar possível pra ele naquela sociedade. A não ser o manicômio. E, com efeito, além do manicômio, é só a cadeia e os asilos que essa sociedade pode propor aos personagens de eficiência dramática e integralmente realizados do livro: além do genial capitão Vitorino, o cangaceiro Antônio Silvino e seu grupo, o comboeiro Alípio e cego Torquato. São estes os personagens que congregam drama dentro de si e espelham em torno a nossa insatisfação revoltada. São mesmo trágicos em sua fatalidade. É o destino, é o *fatum* (social) que os determina e move (ANDRADE, s/d, p. 28-29).

No período em que foi publicado, o romance de José Lins do Rêgo recebeu também a apreciação do crítico mineiro Afonso Arinos de Melo Franco. Para o estudioso, *Fogo morto* simboliza a obra-prima do romancista.

Com o seu mais recente romance, *Fogo morto*, José Lins do Rêgo conseguiu aquilo que nunca obtivera antes: reunir o ambiente social ao humano, oferecendo-nos um livro que é a um só tempo descritivo de ambientes e revelador de paixões. Isso já é um dos elementos que fizeram deste livro o maior da sua carreira. (FRANCO, 1944, p. 38).

Ainda no decênio de 1940, Álvaro Lins demonstra com entusiasmo um artigo revelador sobre a representatividade de *Fogo morto* para a literatura brasileira, pois o romancista menciona o drama de um povo que serviria, sem dúvida, para expressar a tristeza do povo brasileiro. Segundo o crítico:

O Sr. José Lins do Rêgo é um romancista representativo do estado de espírito de um povo, e a sua tristeza é o sentimento coletivo um povo triste. E em nenhum momento de sua tristeza foi mais pungente do que em *Fogo Morto*. Grande parte do seu êxito estará na sua excepcional capacidade de comoção, nessa tristeza que o romancista salvou da sombria amargura pelos seus dons de simpatia e generosidade. A simpatia para compreender as figuras mais miseráveis, a generosidade para se irmanar com os seres vencidos e desgraçados. Podemos dizer de *Fogo Morto* que é por excelência o romance da tristeza brasileira. “Numa terra radiosa vive um povo triste” — esta frase de Paulo Prado em *Retrato do Brasil!* bem poderia servir de epígrafe para as páginas de *Fogo morto* (LINS, 1953, p. 07).

É relevante também nesse período a análise de Franklin M. Thompson sobre o estilo José Lins do Rêgo. Segundo o crítico, o romancista utilizou uma linguagem

mesclada de “brasileirismos e regionalismo” podendo desconcertar o leitor mais desatento. A linguagem revela também semântica despojada, expressando de forma precisa o fazer literário do autor em relação à liberdade de criação, aspecto esse defendido pelos os escritores 1922. Para tanto, os escritores de 1945 retomam os aspectos elencados aqui por esse crítico. A escritura de José Lins do Rêgo é assim analisada por Thompson:

O estilo de José Lins é simples, lírico, em tom de conversa, ele é extremamente coloquial no seu vocabulário. Mas que ninguém se engane, pois seu cabedal de palavras é enorme, e o tesouro de brasileirismos e regionalismos, que ele tornou nacionais, desconcerta o leitor desprevenido. José Lins do Rêgo escreve na linguagem corrente e cotidiana do Nordeste. Sua sintaxe, é habitualmente boa, mas decerto não é purista e exhibe pouco respeito às regras tradicionais de gramática, tomadas em si mesmas, não se preocupando o escritor com “retórica e composição”. Empresta enorme vigor aos seus personagens, provavelmente baseado em experiências que teve com pessoas reais, bem como com tipos complexos, pois ao romancista são familiares todos os tipos que ele menciona nos seus livros sobre o Nordeste. Em todas as suas páginas pulsa uma forte e quente humanidade que deve ser sincera para que venha a ser tão intensamente sentida pelos que as lêem (THOMPSON, 1952, p. 32).

Em 1957, ano da morte do romancista, Carlos Drummond de Andrade fez uma crônica em que homenageia o amigo. Na ocasião, o poeta analisa magistralmente o homem e o escritor José Lins do Rêgo. Drummond afirma que a obra desse romancista deixa marcas de dor e tristeza no leitor, mesmo que a leitura tenha sido realizada há muito tempo. O poeta com toda sensibilidade inerente de quem é poeta nos dá a sua impressão sobre a prosa de José Lins do Rêgo:

Os romances mais autênticos de José Lins, os de sua infância dramatizada, dos quais *Fogo morto* é como um epílogo magistral, continuam doendo depois de lidos, porque a narrativa colocou largamente sua presença entre os acontecimentos, seja de forma direta, seja através de impressões e modos particulares de ver e sentir; ofereceu-se em confiança, tocou-nos. Só isso? Não. Seu caso pessoal se insere numa paisagem, numa cultura, numa fase econômica e política, que passam a viver em representação dramática a nossos olhos, despercebidos até então do caráter trágico do panorama, ou ainda não habituados a encontrar toda a essa tragicidade em termos (tão simples) de ficção (ANDRADE, 1957, p. 17 e 18).

Valendo-se da objetividade desse trabalho, pensamos que não cabe mencionar trechos de toda a fortuna crítica. Por isso, nosso estudo passa agora a refletir sobre o pensamento da crítica contemporânea sobre o romance de José Lins do Rêgo. Atualmente, é sugestivo observar o caráter crítico de alguns estudiosos sobre *Fogo morto*, considerado de forma unânime como a obra-prima do romancista paraibano. Inicialmente, tomemos as ideias de Alfredo Bosi ao apontar que a intrínseca relação entre o “eu e a realidade” favorecem a obra uma expressividade maior em termos de estrutura romanesca. Bosi tece o seguinte comentário a respeito dessa relação:

À força de carrear para o romance o fluxo da memória, José Lins do Rêgo aprofundou a tensão eu/realidade, apenas latente nas suas primeiras experiências. E o ponto alto da conquista foi essa obra-prima que é *Fogo Morto*, fecho e superação do ciclo da cana-de-açúcar. A riqueza no plano do relacionamento com o real trouxe consigo maior força de estruturação literária. Assim sendo, o “espontaneísmo”, apontado nas palavras do próprio José Lins como caráter inerente a seu trabalho de escritor (“o dizer as coisas como elas surgem na memória”), vem dá ênfase de um momento limitado da sua história criadora (BOSI, 1970, p. 450).

O texto de *Fogo morto* evoca a José Maurício Gomes de Almeida os ideais estéticos expressos por Gilberto Freyre. O sociólogo, por sua vez, defendeu no movimento Regionalista de 1926, um fazer literário que fosse capaz de registrar e refletir o dia a dia do homem em seu meio social. Como é sabido, o romancista paraibano conquistou uma longa amizade com Freyre e desde então o considerou seu mestre em termos de ensinamentos críticos sobre os problemas sociais que atingiam diretamente o ser humano. Na passagem, Almeida apresenta uma análise muito significativa sobre a prosa de José Lins do Rêgo:

(...) com José Lins do Rêgo o romance regionalista brasileiro alcança um de seus momentos mais altos. Herdeiro do movimento regionalista, o autor de *Fogo morto* procura colocar em prática aqueles ideais estéticos tão calorosamente defendidos por Gilberto Freyre e por ele próprio, no decênio anterior: uma criação artística fundada nas vivências pessoais de cada um, apta portanto a desvendar aspectos novos de cotidiano regional, que os preconceitos acadêmicos haviam banido da esfera artística. Com isso a obra, além de seu valor intrínseco como realização estética, adquire valor de verdadeiro depoimento (ALMEIDA, 1999, p. 248).

Ainda sobre *Fogo morto*, a análise de Almeida instaura em seu estudo uma intertextualidade com a teoria de Antonio Candido, quando este defende a dialética relação entre localismo e universalismo. Neste sentido, Almeida afirma que a importância desse romance reside especificamente no tratamento dado às ações individuais de personagens, mas que exprimem o drama vivido na coletividade. De acordo com Almeida:

A grande realização de José Lins do Rêgo, em *Fogo morto*, está em ter conseguido projetar a imagem de uma vivência coletiva através do destino individual de alguns poucos personagens, sem que isso implique esquematismo psicológico ou qualquer gênero de deformação caricatural. O social não se constitui em detrimento do existencial: ao contrário, esses dois aspectos da realidade humana realimentam-se mutuamente fazendo com que *Fogo morto*, apesar de profunda e radicalmente regionalista, se torne também um dos romances da literatura brasileira mais universais no seu significado (ALMEIDA, 1999, p. 251).

Acresce afirmar o pensamento do professor Luís Bueno numa crítica mais recente sobre o romance de José Lins do Rêgo. Em sua análise, Bueno insiste na observação que os outros teóricos fizeram ao considerar *Fogo morto* a obra-prima do escritor paraibano. Vale, portanto, conferir em *Uma História do romance de 30*, uma ampla investigação que o professor faz sobre as obras do período num encruzilhar de ideias, personagens, temas e estilos que necessita muita atenção da parte do leitor para apreender as análises propostas. Em relação a *Fogo morto*, Bueno confirma a tese dos críticos citados, afirmando:

A morte do mestre José Amaro em *Fogo morto* é mais do que o símbolo da tragédia de uma era que representara a morte de Ricardo em *Usina*. É a tragédia em si. E a descoberta de que a morte do mestre, como a morte da mulher ou a do pescador, é em si uma tragédia, é um dos elementos que pode dá a *Fogo morto* um equilíbrio e um alcance maiores do que as obras anteriores de José Lins haviam conseguido (BUENO, 2000, p. 469-470).

Nesta ordem de concepção, é possível afirmar que há também na contemporaneidade uma expressiva fortuna crítica sobre o conjunto de obras de José Lins do Rêgo e, em especial, estudos voltados para *Fogo morto*. Para tanto, vale ressaltar que não é nossa intenção investigar todas as análises existentes, mas

fundamentalmente, procuramos refletir alguns teóricos da crítica literária sobre o nosso objeto de estudo. Fizemos um apanhado de como se deu a estética da recepção no momento de publicação da obra até o momento atual. Pensamos que eleger um trecho ou outro de determinado crítico não foi nossa intenção desconsiderar os que não foram citados em nosso estudo e muito menos de se tratar de um corte abrupto, mas sim buscarmos uma delimitação que fosse capaz de atender às necessidades imediatas desse artigo.

Vimos um variado mundo de pontos de vista de estudiosos da literatura e áreas afins, tanto no que se refere à crítica nacional, quanto à internacional. Tentamos percorrer o caminho das relações que a literatura pode expressar com a sociedade, a história e o leitor. Mas, sabemos da evidência que a história em si engloba o social e esse, por sua vez, o leitor. Todavia, pautamos uma análise que procurou respeitar as relações e sua respectiva denominação dada pelo crítico que a criou. A par dessas relações, investimos em análises de trechos da crítica literária que apontam a receptividade do romance *Fogo morto*, do período de sua publicação em 1943 até chegarmos a estudos realizados pela crítica contemporânea. Acreditamos que a ficção apresentada aqui pela obra de José Lins do Rêgo e a crítica literária têm dado uma contribuição para a sociedade pensar no homem e seus respectivos problemas no cotidiano.

Nessa perspectiva, podemos dizer que as análises realizadas pelos críticos acima citados em torno da obra *Fogo morto* nos revelam um olhar consciente sobre a problemática que acomete o homem no espaço-tempo dos engenhos. O sonho de manter viva a tradição dos engenhos passa a ser um tempo irremediavelmente perdido pela modernidade que vai se instalando no extrato social. Com efeito, a criação de José Lins do Rego aponta a decadência do patriarcalismo a partir de “personagens eficientemente dramáticos” no Nordeste açucareiro como bem analisou Mário de Andrade no artigo “Dois estudos” (s/d, p. 291).

Dentro desse processo de criação literária, no ensaio “Literatura e cultura de 1900 a 1945”, Antonio Candido afirma que nos romances de José Lins do Rego e Graciliano Ramos há um traço determinante dos problemas sociais sobre o personagem. Para o crítico, nas obras desses romancistas, “(...) a humanidade singular do protagonista domina os fatores do enredo: meio social, paisagem, problema político”. (CANDIDO, 1991, p. 148). Tal humanidade proposta pelo romancista paraibano é

compreendida por Antonio Candido como “uma vocação das situações anormais e dos personagens em desorganização” que o romancista tem para expressar sua tristeza em relação às mudanças que vêm juntas com a modernidade e simboliza assim “um sentimento coletivo de um povo”, como analisou Álvaro Lins (1944, p. 07).

De fato, a criação artística de José Lins do Rego nos aponta a vida de personagens em uma “sociedade medonha em que viviam os expulsos de si e eles vivem em luta contra ela” (ANDRADE, s/d, p. 235). Sobre esse aspecto, percebemos aqui um romancista antenado com as mudanças sociais de seu tempo, retomando o regionalismo sem o pitoresco, com uma visão diferenciada apontando-nos: “o homem pobre do campo e da cidade não como *objeto*, mas, finalmente, como sujeito, na plenitude da sua humanidade” (CANDIDO, 1991, p.83).

A problemática trabalhada em *Fogo morto* nos faz perceber que o romancista pode ser incluído na “fase de consciência amena de atraso” à qual se refere Antonio Candido no ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, onde a visão de subdesenvolvimento já era vista pelos escritores da década de 1930 e a ficção regionalista “adquiriu uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos” (CANDIDO, 1989, p. 142). Essa força desmistificadora que a prosa regional alcançou passa a ganhar notoriedade na produção literária de alguns escritores. Para Candido, “entre os que naquele momento propuseram com vigor analítico e algumas vezes forma artística de boa qualidade a desmistificação da realidade americana, estão Miguel Angel Asturias, Jorge Icaza, Ciro alegria, José Lins do Rego e outros” (CANDIDO, 1991, p. 160).

Dentro desse campo de “forma artística de boa qualidade” a qual se referiu Antonio Candido, podemos ainda pensar nas análises de Mário de Andrade, Drummond e Luís Bueno ao definirem a obra como sendo “uma tragédia” que desvenda a desumanidade no cotidiano dos personagens de *Fogo morto*. Vimos que a análise de Drummond nos aponta a inovação da prosa de José Lins do Rego por revelar em sua narrativa a problemática de homens que tentam se manter na terra natal, apesar dos inúmeros obstáculos que enfrentam. Revemos o trecho em que o poeta mineiro historicamente afirma que antes da leitura da obra não tinha dimensão da tragicidade que acomete o homem no meio rural: “(...) passam a viver em representação dramática a nossos olhos, despercebidos até então do caráter trágico do panorama, ou ainda não

habituaados a encontrar toda a essa tragicidade em termos (tão simples) de ficção” (ANDRADE, 1957, p.18).

Quando, porém, José Maurício de Almeida nos afirma que *Fogo morto* é uma obra “(...) apta portanto a desvendar aspectos novos de cotidiano regional, que os preconceitos acadêmicos haviam banido da esfera artística” (ALMEIDA, 1999, p. 248), comprovamos na concepção de Candido que tais aspectos já simbolizam o moderno. No ensaio “Literatura e cultura de 1900 a 1945”, Candido põe em relevo uma particularidade da prosa de 1930 e que se estende a 1945: o amadurecimento e a liberdade que os escritores têm para a criação literária, culminando segundo o crítico em textos que refletem a realidade a partir de um:

Romance fortemente marcado de néo-naturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego); poesia e luta do trabalhador (Jorge Amado, Amado Fontes); êxodo rural, cangaço (José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos); vida difícil das cidades grandes em rápida transformação (Érico Veríssimo) (CANDIDO, 2000, p. 147).

A dialógica relação entre literatura e sociedade, defendida por Antonio Candido, pode ser analisada a partir do vasto mundo de conflitos que compõe *Fogo morto*. Poderá também ser apreciada por críticos que assim como Candido foram unânimes em considerar esse romance sua obra-prima. Mas, fundamentalmente, a importância do estudo refere-se aos pontos de vistas apresentados sobre a crítica ao social, revelada no corpo das análises por uma avaliação precisa do desrespeito ao sentimento e direitos humanos, bem como a capacidade que José Lins do Rego teve para criar esse romance.

Por fim, consideramos pertinentes as análises realizadas pelos críticos, quando indicaram aspectos significativos da prosa de José Lins do Rego a partir de uma clareza e notável intenção crítica, propiciando-nos a compreender melhor o romance. Neste processo, os estudiosos recorreram a várias questões que vão da forma ao conteúdo e até onde pesquisamos não foi identificada nenhuma crítica negativa sobre a obra. Contudo, não estamos, aqui, afirmando que não existam estudos negativos acerca da prosa de José Lins do Rego. Se existe ou não, esse é um aspecto que será posteriormente pesquisado. No momento, considerando nossa leitura, podemos dizer que *Fogo morto* alcançou uma excelente receptividade tanto da crítica quanto do público.

**REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. “José Lins do Rêgo”. In: *Correio da manhã*. Rio de Janeiro: Agosto/1957. Céu, inferno.
- ANDRADE, Mário de. “Dois estudos”. In: *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins, s/d.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3 e. São Paulo: Cultrix, 1970.
- BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*. São Paulo: Ática, 1988.
- BUENO, Luís. *Uma História do romance de 30*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- CANDIDO, Antonio. “Um romancista da decadência” In: *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CANDIDO, Antonio. “O observador literário”. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de (Org). *José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- CARPEAUX, Oto Maria. “O brasileiríssimo José Lins do Rego”. In: RÊGO, José Lins do Rêgo. *Fogo morto*. 63 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Mar de sargaços*. São Paulo: Martins, 1944.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LINS, Álvaro. *Estudos em jornal de crítica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.
- LINS, Álvaro et alli. *José Lins do Rêgo*. Os Cadernos de Cultura. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1953.
- PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- RÊGO, José Lins do. *Fogo morto*. 63 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- RÊGO, José Lins do. *Romances reunidos e ilustrados*. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL-MEC, 1980. 5v.
- THOMPSON, Franklin M. “José Lins do Rego”. In: LINS, Álvaro et alli. *José Lins do Rêgo*. Os Cadernos de Cultura. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1952.